



**pinturas de
Sepp Baendereck**

Petite Galerie

Rio - São Paulo

22/abril/1974 - Rio: Rua Barão da Torre, 220

27/maio/1974 - São Paulo: Rua Haddock Lobo, 1399

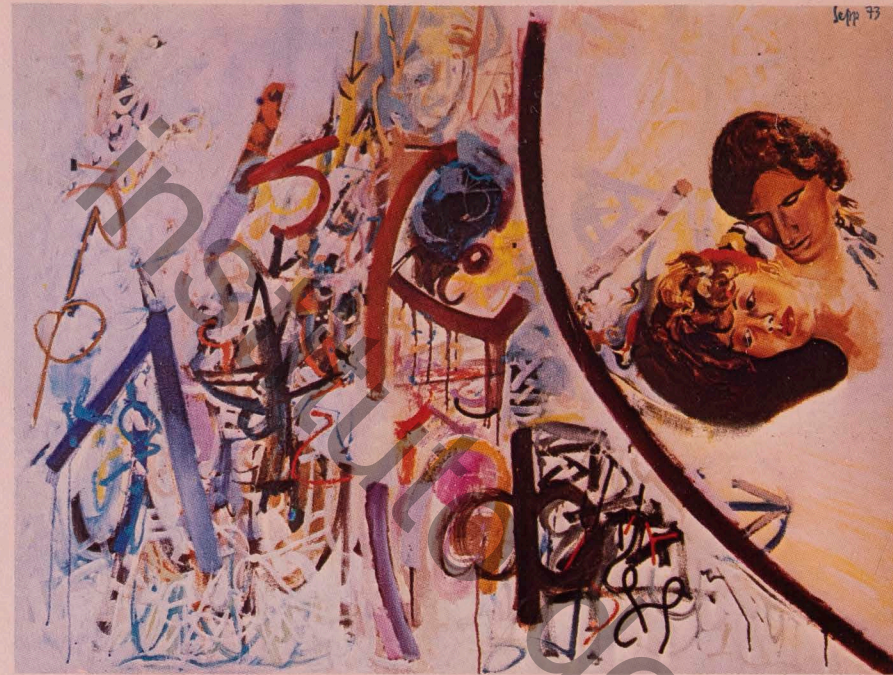
instituto de arte



Amo, ergo sum 1974 - óleo, 118 x 150 cm.



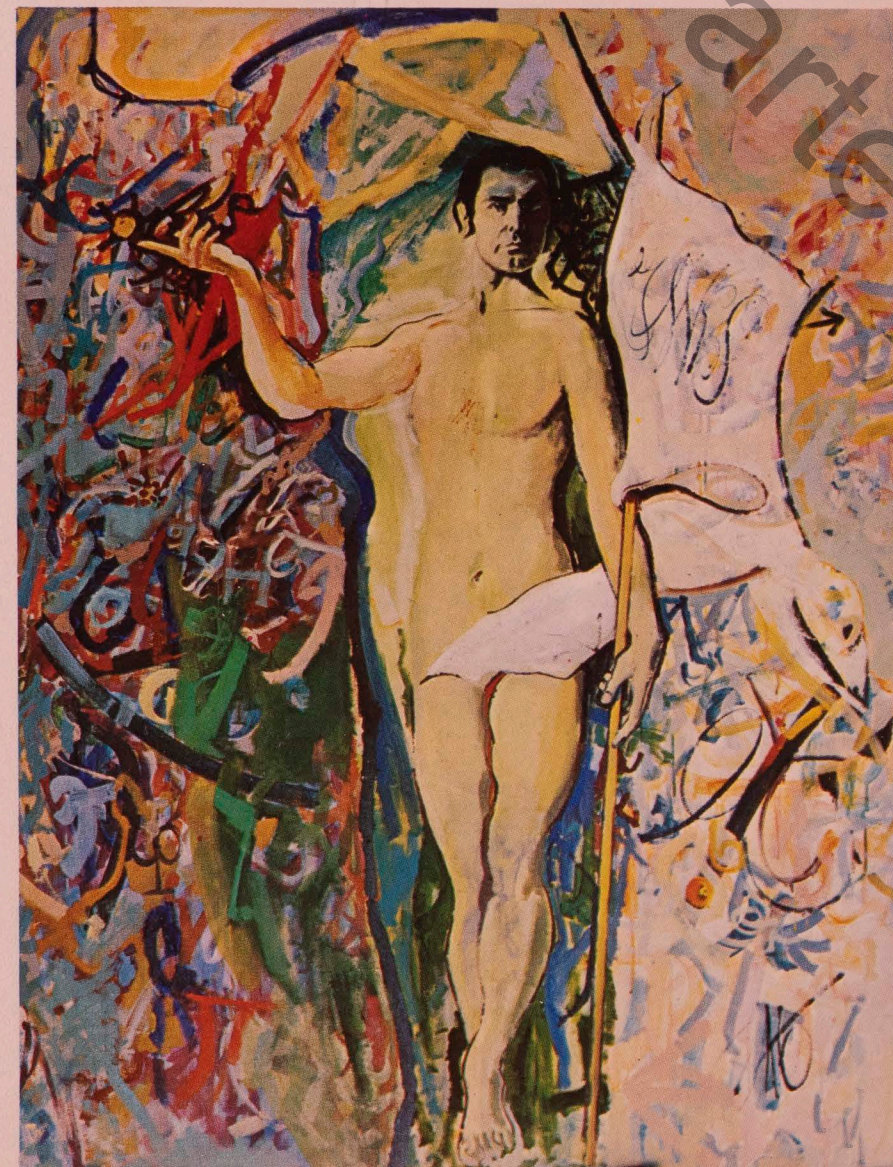
Os amantes 1974 - óleo, 135 x 180 cm.



Paraíso perdido II 1973 - óleo, 100 x 130 cm.



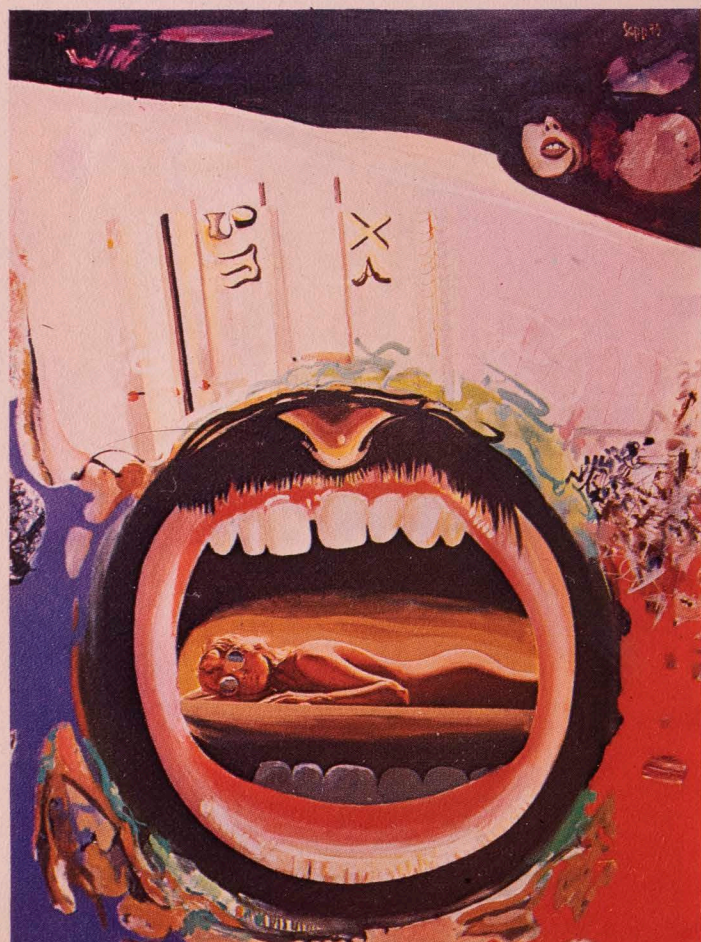
Flora XV 1973 - óleo, 80 x 100 cm.



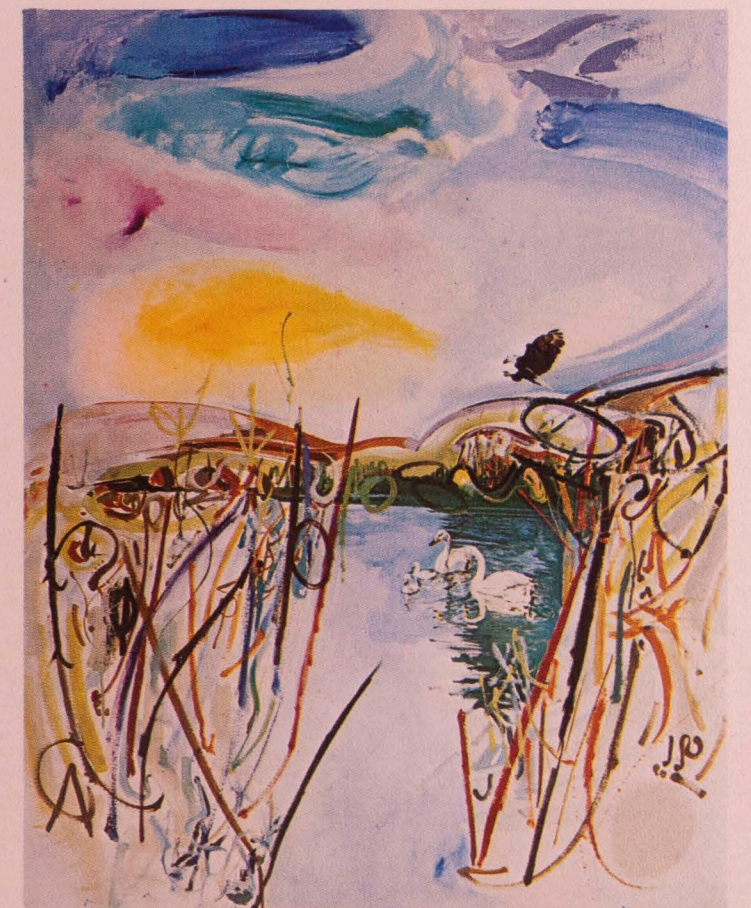
O príncipe sem reino do universo absurdo 1973 - óleo, 170 x 130 cm.



Gaia, o inconsciente que deseja o consciente 1973 - óleo, 150 x 118 cm.



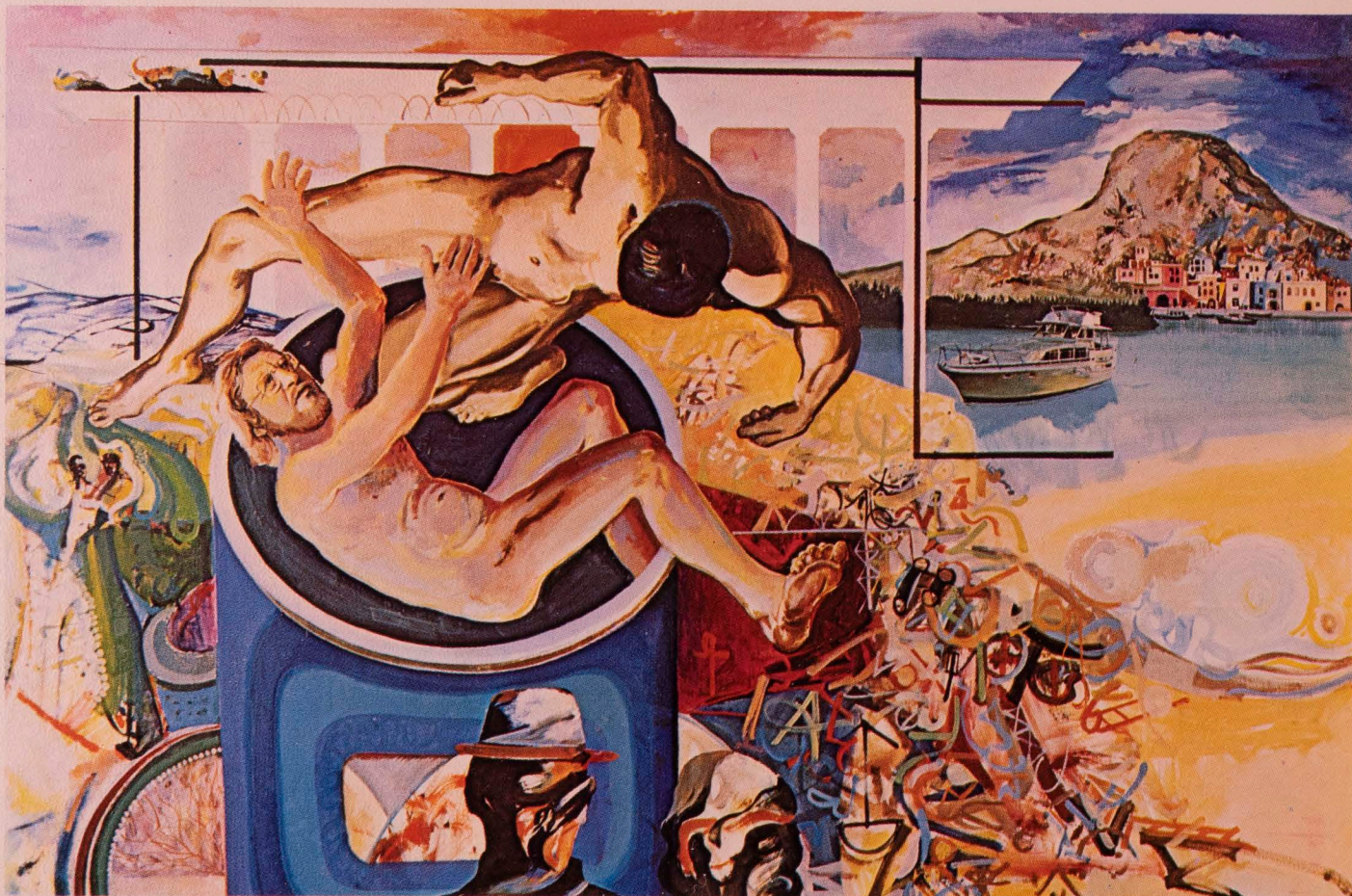
Devorador balcânico 1973 - óleo, 130 x 95 cm.



Fauna nº 4 1973 - óleo, 130 x 100 cm.



Pesadelo domado, lmdo legal e perturbador 1973 - óleo, 150 x 200 cm.



O sombo entra solto no Mediterrâneo, depois do medo vencido 1973 - óleo, 150 x 200 cm.

Quero me manifestar a favor da pintura, também com palavras, agora que proponho à vista do público o meu trabalho realizado no decorrer dos últimos 14 meses em São Paulo, Espanha, Paris e Ilha Bela. A arte exprime a gravidez da natureza, da qual é criada - assim ela celebra a natureza. A experiência estética é perceptível em toda a rota que a humanidade percorre e se situa bem na origem dela. A natureza se desvenda para o homem sensível, que pode ler as grandes imagens que ela lhe oferece, experimentando sua familiaridade com o mundo.

Uma obra de arte nasce secretamente e de uma maneira misteriosa. Uma vez criada, separa-se do artista e assume vida autônoma. A obra então, alimentada da admiração dos expectadores, passa a existir e adquirir força para criar em torno de si mesma aquela força espiritual cuja função é de elevar, de melhorar o homem. Nisto consiste no final de contas todo o segredo da arte, um segredo de conteúdo ético.

No meu conceito, a arte não existe apenas como meio de comunicação ou transmissão de informações, contestação ou protesto (Dubuffet: "A verdadeira missão da arte é subversiva". Rauschenberg: "Ser pintor é ser opositor."), muito mais que isso, sempre foi e continua sendo um caminho de esforços que leva o homem à melhora espiritual. O sentido moral está estreitamente ligado ao senso estético. Sem estética, não há moral! Há uma sede de beleza no homem. A capacidade de sentir o belo da natureza como também do nosso ambiente cultural é imprescindível para a saúde psíquica e moral das pessoas. Sem moral, não há estética.

O mais pacífico dos homens reage com violência ao ver uma criança sendo maltratada ou uma mulher sendo violentada. O belo e o feio são reais, como o bem e o mal. Quem não sente e não compreende isso, por certo está doente.

A humanidade contemporânea está em crise, as grandes massas das sociedades desorientadas, confusas e apáticas, perderam noções e critérios de valores, a neofilia devastando os espíritos ávidos por consumir mais, e mais e mais. Os sábios nos alertam sobre os perigos da degeneração genética, da destruição ecológica e da própria humanidade. O homem é um ser da civilização por sua natureza, ou seja sua filogenese. Seus impulsos naturais e o controle consciente imposto pela sociedade formam um sistema único no interior do qual esses dois fatores se complementam. Este equilíbrio delicado é facilmente perturbado. O poderio absoluto da razão humana e da educação mostra-se inoperante. A opinião pública é inerte, ela só reage depois de longos períodos de insensibilidade. É tarefa dos sábios tentar frear o mais depressa possível o processo de destruição ecológica e cabe aos artistas salvar a humanidade da degeneração da "anticultura" e "antiarte". Aqui está o meu engajamento.

A atitude geral do artista de hoje, com raras exceções, não é autônoma. Ele perdeu aquele fervor quase religioso na realização de sua obra, substituindo-a por uma corrida desenfreada pelo sucesso e aceitação. Assim, ele responde a um background, ou mais corretamente, ao tom dominante da época. Ora, o tom presente é resultante de esperanças frustradas para um mundo melhor, mais justo, e óbvias falsificações de valores básicos, tais como liberdade, justiça e direitos iguais. Numa sociedade que pouco oferece, qualquer recurso parece justificado, válido. A ameaça latente de destruição total da humanidade, do outro lado, inculca a sensação de efemeridade de todas as coisas, arte em particular, e a necessidade de viver em compasso acelerado. É óbvio que um tal estado de espírito só pode dar nascimento a uma arte efêmera, uma arte de divertimento, com tendência ao espetacular, envolvendo-se o próprio artista no espetáculo. Temos o fenômeno das vanguardas ad perpetuum. Neofilia fenomenal alimentando-se de opulentas mediocridades!

Eu acredito na outra arte, na pintura que faço e que estou mostrando. Como alternativa, como proposição, porque sou otimista. Trabalho dentro de um processo lento, paciente, sem competir. O mistério deste caminho é que me capacita a sofrer pelo que anseio conquistar.

Aos 6 anos de idade, desenhava cavalos, aos 10, navios, aos vinte, o corpo humano, aos 25, gravava em madeira, aos 35, signos e símbolos e aos 48 voltei à figura, bichos, flores e paisagens. 46 anos de aprendizagem dão a medida do meu domínio técnico. Geralmente não tenho nenhuma consciência quando trabalho, mas quando termino um quadro e verifico que a imaginação (fantasia) e a necessidade de expressão se equilibram, isto é, quando os extremos da minha ideia e da técnica se integram - composição, cores, elementos formais, tradição, psicologia, intenção criadora - dou - me por contente.

Sepp Baendereck
Ilha Bela, fevereiro de 1974.

Dados biográficos

- 1920 Nasce na Iugoslávia. Descendência austríaca.
1939/41 Estuda Direito na Universidade de Belgrado.
1942/5 Estuda desenho em Berlim e pintura na Academia de Belas Artes de Zagreb.
1946 Junta-se ao Grupo Sezession, em Graz - Áustria.
Ensina desenho na Escola de Artes e Ofícios de Graz.
1948 Imigra para o Brasil.
1955 Naturaliza-se brasileiro.
1957 Funda a Denison Propaganda S.A.
1964 Viagem ao Japão e ao redor do mundo.
1971 Constrói atelier na Espanha.

Mostras coletivas

- 1946 Exposições com o Grupo Sezession em Graz e Viena.
1951 Salão Nacional de Arte Moderna - Rio
1952 Salão Nacional de Arte Moderna - Rio - Menção Honrosa
1953 Salão Nacional de Arte Moderna - Rio
II Bienal de São Paulo
1963 Salão Paulista de Arte Moderna - SP
1965 Salão Paulista de Arte Moderna - SP - Medalha de Prata
VIII Bienal de São Paulo
1966 Salão Paulista de Arte Moderna - SP
1967 IX Bienal de São Paulo
I Exposição do Artista Plástico Publicitário -
Prêmio Melhor Pintor Publicitário - São Paulo
1968 Salão de Arte Moderna de Brasília
1969 Panorama da Arte Atual Brasileira - MAM - São Paulo
III Salão de Arte Contemporânea de São Caetano -
Prêmio de Aquisição.
I Salão de Arte Contemporânea de São Paulo
1970 III Salão de Arte Contemporânea de Sto. André
Salão Nacional de Arte Moderna - Rio
Panorama da Arte Atual Brasileira - MAM - São Paulo
1971 Coletiva de Galerias na Hebraica - São Paulo
Inaugural da nova Galeria Portal - São Paulo
Salão de Outono de Paris - França
"8 Artistas Paulistas na A.M.I." - Belo Horizonte - MG
III Salão de Arte Contemporânea

Mostras individuais

- 1947 Primeira individual em Graz: Desenhos e xilogravuras
1951 Primeira individual no Brasil: Minist. da Educação - Rio
1964 Galeria Seta - São Paulo
1965 Galeria Guignard - Belo Horizonte - MG
Galeria Querino - Salvador - Bahia
1966 Galeria Relevo - Rio
1969 Galeria Astréia - São Paulo
1970 Petite Galerie - Pouso do Boticário - Rio
Galeria do Centro Cult. Brasil-Estados Unidos - Santos, SP
Galeria do Consulado Geral do Brasil em Munique - Alemanha
Retrospectiva "25 anos de pintura" - MAM - São Paulo
1971 Retrospectiva "25 anos de pintura" - MAM - Rio
Galeria Arrabal - Callosa de Ensarria - Alicante - Espanha
Galeria Astréia - São Paulo
1972 Galeria do Hotel Jequití-Mar - Guarujá - São Paulo
Galeria Ipanema - Rio
Galeria Portal - São Paulo
1973 Galeria Guignard - Belo Horizonte
1974 Galeria do Hotel Jequití-Mar - Guarujá - São Paulo
Petite Galerie - Rio
Petite Galerie - São Paulo